

Artigo original

ANÁLISE DA AUTOMEDICAÇÃO POR CLIENTES EM UMA FARMÁCIA COMUNITÁRIA
ANALYSIS OF AUTOMEDICATION BY CUSTOMERS IN A COMMUNITY PHARMACY

Aécio Nascimento de Freitas¹; Olindina Ferreira Melo²

RESUMO

Automedicação ocorre quando há o uso de medicamento sem a prescrição do profissional de saúde, orientação ou acompanhamento deste, cujo papel é garantir o uso seguro e racional dos medicamentos pelo paciente. O objetivo geral do trabalho foi de verificar a efetividade e evidenciar a importância da Prescrição/ Atenção Farmacêutica para pessoas que fazem a Automedicação. O estudo é de caráter descritivo, transversal, de natureza farmacoepidemiológica com abordagem quantitativa. A população do estudo foram clientes de uma farmácia comunitária da cidade de Acaraú, Ceará, de ambos os sexos, maiores de 18 anos e que aceitaram participar da pesquisa. Quanto aos aspectos éticos foi considerada a Resolução nº 466/12 que norteia os estudos com seres humanos de forma direta e indireta e submetido ao CEP que emitiu o parecer de nº 2.102.913. A partir dos dados coletados nesse estudo, observou-se que a prática da automedicação é mais comum entre as mulheres (64,2%), tendo como principal medicamento utilizado os AINEs (78%). Outro dado importante a ser observado é que 64% dos pacientes entrevistados afirmam pedir orientação ao farmacêutico, evidenciando a real importância desse profissional, cuja intervenção é imprescindível no combate à automedicação de maneira a informar a população do perigo dos efeitos adversos que os fármacos podem causar.

Palavras-chave: Informação. Ensino de Biologia. Metodologia. Tecnologia.

ABSTRACT

Self-medication happens when there is the use of medication without the prescription of the health professional, orientation or follow-up of this, whose role is to ensure the safe and rational use of medications by the patient. The overall objective of the study was to verify the effectiveness and highlight the importance of Prescription / Pharmaceutical Care for people who do Self-medication. The study is descriptive, cross-sectional, of a pharmacoepidemiological nature with a quantitative approach. The study population were clients of a community pharmacy in the city of Acaraú, Ceará, both sexes, over 18 years old and who

¹ Discente do Curso de Especialização em Farmácia Clínica, Farmacologia e Prescrição Farmacêutica do Centro Universitário – UNINTA, Sobral, Ceará.

² Docente do Curso de Especialização em Farmácia Clínica, Farmacologia e Prescrição Farmacêutica do Centro Universitário – UNINTA, Sobral, Ceará.

accepted to participate in the study. Regarding ethical aspects, it was considered Resolution 466/12 that directly and indirectly guides human studies and submitted to the CEP that issued the opinion of No. 2,102,913. From the data collected in this study, it was observed that the practice of self-medication is more common among women (64.2%), with NSAIDs being the main medication used (78%). Another important data to be observed is that 64% of the patients interviewed stated that they asked the pharmacist for guidance, showing the real importance of this professional, whose intervention is essential in the fight against self-medication in order to inform the population of the danger of the adverse effects that the drugs can cause.

Keywords: *Self-medication; Medication; Pharmaceutical Prescription.*

INTRODUÇÃO

O termo Atenção Farmacêutica foi utilizado no Brasil, a partir de discussões lideradas pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), OMS e Ministério da Saúde (MS) (PEREIRA; FREITAS, 2008).

A insatisfação provocada por esta condição levou, na década de 1960, estudantes e professores da Universidade de São Francisco (EUA) à profunda reflexão, a qual resultou no movimento denominado “Farmácia Clínica”, em meados da década de 1970, contribuindo para a redefinição do papel do farmacêutico em relação ao paciente, pois segundo eles a Farmácia Clínica estava restrita ao ambiente hospitalar e voltada principalmente para a análise da farmacoterapia dos pacientes; e o farmacêutico ficava próximo apenas da equipe de saúde (PEREIRA; FREITAS, 2008, p. 602).

Cerca de 30% das entradas nos hospitais de pacientes idosos são causados por uso de medicamentos, incluindo efeitos tóxicos advindos do seu uso. Problemas relacionados a medicamentos (PRMs) são entendidos como problemas de saúde relacionados à farmacoterapia, podendo ter origem no sistema de saúde, em fatores biopsicossociais, no atendimento prestado por profissionais de saúde e na utilização de medicamentos, interferindo nos resultados terapêuticos e na qualidade de vida do usuário (BORTOLON *et al*, 2008).

Aderir ao tratamento é o principal fator de influência na prática do uso racional de medicamentos. Para ocorrer esta adesão, todos os profissionais de Saúde desempenham papel importante, acompanhando e estimulando o usuário para o cumprimento do seu tratamento. Nessa fase, torna-se essencial o papel do farmacêutico, realizando atenção farmacêutica com o paciente, dando informações a respeito do uso correto dos medicamentos prescritos, bem como outras informações relevantes sobre sua condição (BOING; VEBER; STOLF, 2010).

Em 1990, foi utilizado pela primeira vez na literatura científica o termo “*Pharmaceutical Care*”, que foi traduzido em nosso país para Atenção Farmacêutica, conceito adotado e oficializado no Brasil, entendido como um modelo de prática profissional que consiste na provisão responsável da farmacoterapia com o propósito de alcançar resultados concretos em resposta à terapêutica prescrita, que melhorem a qualidade de vida do paciente, buscando prevenir ou resolver os problemas farmacoterapêuticos de maneira sistematizada e documentada (PEREIRA; FREITAS, 2008, p. 602-603).

Quando um paciente se automedica, estará sujeito a vários riscos. Pode causar: o Mascaramento de Diagnósticos, que ocorre quando um medicamento inibe a manifestação de algum sintoma (febre, dor), mas não acaba com o agente causador da doença; Resistência Medicamentosa ocorre quando o medicamento é usado de maneira e tempo incorretos, fazendo com que o corpo ou o microrganismo causador da doença se “acostume” com o medicamento; Interações Medicamentosas ocorrem quando um medicamento altera a ação terapêutica de outro medicamento, ou seja, um ou mais fármacos não promovem o efeito desejado no organismo; Alergias, intoxicação e até morte (ANGELUCCI et al., 2013).

De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde, 29% dos óbitos ocorridos no Brasil são provocados por intoxicação medicamentosa, somando-se a isso o fato de 15% a 20% dos orçamentos hospitalares serem destinados ao tratamento de complicações causadas pelo mau uso de medicamentos, evidenciando a importância das ações realizadas no sentido da promoção do uso racional de medicamentos, informando, motivando e ajudando a população a adotar e manter práticas e estilos de vida saudáveis (PEREIRA, et al, 2017, p. 4)

A literatura internacional demonstra benefícios da prescrição por farmacêuticos segundo diferentes modelos, realizada tanto de forma independente ou em colaboração com outros profissionais da equipe de saúde. O farmacêutico, neste último caso, prescreve medicamentos definidos em programas de saúde no âmbito dos sistemas públicos, em rotinas de instituições ou conforme protocolos clínicos e diretrizes terapêuticas preestabelecidos (CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA, 2013).

Estas novas atribuições vem inovar os atendimentos com o desenvolvimento de competências e habilidades voltadas à prática clínica, em que o profissional farmacêutico venha intervir nas reais necessidades de saúde do paciente e promove uma assistência de qualidade, recomendando e registrando ocorrências de forma escrita, proporcionando sempre a promoção, proteção e recuperação da saúde, bem como a prevenção de doenças e seus agravos.

Esse estudo tem como objetivo geral verificar a efetividade e evidenciar a importância da prescrição/atenção farmacêutica para pessoas que fazem a automedicação.

METODOLOGIA

O estudo é de caráter descritivo, transversal, de natureza farmacoepidemiológica com abordagem quantitativa, sendo realizado em uma Farmácia comunitária na cidade de Acaraú – CE, em junho de 2017.

A população do estudo foram 100 pessoas entrevistadas, as quais são clientes frequentadores de uma farmácia.

Foram incluídos no estudo clientes com idade maior ou igual a 18 anos e que aceitaram participar da pesquisa por livre e espontânea vontade. E foram excluídos, aqueles que não aceitaram participar do estudo.

Os dados do estudo foram coletados por meio de entrevista com os clientes que adquirem medicamentos sem prescrição e que satisfazem os critérios de inclusão do estudo, aplicando um questionário contendo 10 (dez) perguntas, sendo 9 (nove) de múltipla escolha e 1 (uma) discursiva, que avaliaram as características sociodemográficas e clínicas do paciente: sexo, idade, escolaridade, profissão, comorbidades. As perguntas visam identificar o real motivo de as pessoas praticarem a automedicação.

Para evitar erros de interpretação, foi aplicado o formulário, de forma aleatória, à medida que as clientes da drogaria solicitavam atendimento na farmácia.

A quantificação dos dados foi apresentada por meio de porcentagem e os resultados expressos em gráficos, utilizando *Microsoft Excel*® 2010.

Este estudo seguiu a Resolução nº 466/12 que norteia as pesquisas com seres humanos de forma direta e indireta. Assim como foi enviado ao Comitê de Ética e Pesquisa que emitiu o parecer de nº 2.102.913.

Para a coleta dos dados foram necessários a Carta de Anuência e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/Pós-Informado assinado pelos participantes da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A automedicação constitui uma prática universal, presente nas mais diversas sociedades e culturas, independentemente do seu grau de desenvolvimento socioeconômico. De acordo com a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA), cerca de 80 milhões de brasileiros seriam adeptos da automedicação (VITOR *et al*, 2008).

Um fator que contribui para esse elevado número é o fato de as farmácias serem mais estabelecimentos comerciais do que de saúde. Assim, os balconistas atuam como os “prescritores”, favorecendo o uso inadequado dos medicamentos (VITOR *et al*, 2008).

Este estudo se propôs a investigar os hábitos de automedicação de 100 frequentadores de uma drogaria, utilizando-se um questionário contendo 10 perguntas.

Quando questionados sobre automedicação, 81% dos entrevistados assumiram que a praticam e apenas 19% não.

Dos entrevistados, observou-se que a maior quantidade era do sexo feminino, 61 (61%), contra 39 do sexo masculino (39%). Do total de mulheres 52 afirmaram praticar automedicação e do total de homens 29 afirmaram também praticar automedicação. Ou seja, dos que afirmaram praticar automedicação 64,2% são mulheres e 35,8% homens.

O consumo de medicamentos sem prescrição é uma prática predominante entre as mulheres e menos frequente entre os homens (CARVALHO; BARROS, 2013). No artigo publicado por Carvalho, Barros (2013) são encontrados valores parecidos: 59% de mulheres e 41% de homens praticam a automedicação.

A maior parte dos entrevistados encontra-se na faixa etária de 26-37 anos, representando 29%; seguidos por 38-49 anos, com 27%; depois 18-25 anos, 21%; 50-61 anos, 11%; 62-71 anos, 10% e por último maiores de 72 anos, no total de 2% (Gráfico 3). A faixa etária que mais respondeu o questionário afirmando automedicar-se foi os de 26-37 anos, com um total de 29 pessoas; 38-49 anos, 27 pessoas; 18-25 anos, 21 pessoas; 50-61 anos, 11 pessoas; 62-71 anos, 10 pessoas e os maiores de 72 anos, com 2 pessoas.

Neste trabalho verificamos que a maioria dos entrevistados apresentam boa escolaridade, entre os quais 52% têm o ensino superior; 42% o ensino médio e apenas 6% o ensino fundamental (5º ao 9º ano). Esses números podem ser explicados pelo fato de a farmácia utilizada na pesquisa está situada no centro da cidade de Acaraú – CE.

A doença mais relatada pelos entrevistados foi a enxaqueca, com 25%, seguida por hipertensão e diabetes, ambas com 18%, em menores números também foram citadas, hiperlipidemia 11%, problemas respiratórios 9%, artrite 7%, hipertireodismo 7% e arritmia 5%.

Já em relação aos medicamentos mais utilizados sem prescrição e/ou orientação farmacêutica, 75% confirmaram fazer uso de AINEs; 11% de anticoncepcionais; 8% citaram outros, como complexos vitamínicos, hepatoprotetores, antialérgicos, omeprazol, corticoides e expectorantes; 3% diuréticos; 2% antidepressivos e 1% sedativos e anorexígenos.

Esse elevado número do uso de AINEs pode ser, ao menos em parte, explicado com os dados da tabela 1, na qual se observa que a maioria dos entrevistados relatou sofrer de enxaquecas. Além disso, existem outros fatos que contribuem para o maior consumo de AINES: são considerados Medicamentos

Isentos de Prescrição (MIP); envolvem uma grande publicidade; e são também os medicamentos mais recomendados por familiares e amigos (GIROTTO, MATOS, OLIVEIRA; 2010).

A tabela a seguir apresenta, de forma sucinta, os resultados descritos nos parágrafos anteriores, referentes às questões de 1 a 5.

Tabela 1 - Informações gerais. Acaraú, 2017.

RESULTADOS DA PESQUISA SOBRE AUTOMEDICAÇÃO COM BASE NAS RESPOSTAS APRESENTADAS PELOS PACIENTES ENTREVISTADOS: INFORMAÇÕES GERAIS*			
Automedicação		Doenças mais relatadas	
Praticam	81%	Enxaqueca	24%
Não praticam	19%	Hipertensão	17%
		Diabetes	17%
Sexo dos entrevistados		Hiperlipedemia	10%
		Problemas respiratórios	9%
Masculino	61%	Artrite	7%
Feminino	39%	Hipertireoidismo	11%
		Arritmia	5%
Faixa etária dos entrevistados		Medicamentos mais utilizados	
18 a 25 anos	21%		
26 a 37 anos	29%	AINEs**	75%
38-49 anos	27%	Anticoncepcionais	11%
50-61 anos	11%	Diuréticos	3%
62-71 anos	10%	Antidepressivos	2%
Maiores de 72 anos	2%	Sedativos/Anorexígenos	1%
		Outros	8%
Escolaridade		* Pesquisa realizada com 100 pacientes, clientes de uma farmácia comunitária ** Anti-inflamatórios, antitérmicos e analgésicos.	
Fundamental	6%		
Médio	42%		
Superior	52%		

Fonte: Própria autoria.

Os AINEs, se utilizados indiscriminadamente, contribuem com o aumento das interações medicamentosas, principalmente com fármacos cardiovasculares, aumentando também o risco de intoxicações que podem ocorrer com o uso irracional de medicamentos. Mesmo sendo medicamentos isentos de prescrição, torna-se necessário prestar orientações sobre a utilização desses medicamentos, devendo ser estas executadas por profissionais habilitados, como o farmacêutico (BORTOLON et al., 2008). Nesta pesquisa, 64% dos entrevistados relataram solicitar, mesmo que em algum momento, a orientação do farmacêutico.

Esse dado sugere que os farmacêuticos são solicitados e isso gera uma maior cobrança dos deveres deste profissional nos estabelecimentos de dispensação de medicamentos. Estes profissionais devem ser mais ativos e não se dedicar exclusivamente a questões burocráticas ou ao simples fornecimento do medicamento sem orientação ou acompanhamento farmacoterapêutico.

Quando questionados sobre os motivos que levam os entrevistados a solicitar ajuda de profissionais de saúde, 38% só buscam um médico ou farmacêutico quando estão muito mal de saúde, 28% sempre pedem orientação dos profissionais, 25% quando suspeitam de algo grave e 9% quando amigos e familiares não sabem que medicamento indicar. Este resultado fornece indícios de que a busca por profissionais de saúde habilitados não é a primeira alternativa para se obter o tratamento de alguma enfermidade.

Do total de entrevistados, 73% relataram nunca terem sofrido qualquer tipo de reação adversa a medicamentos (RAM) e 27% relataram que pelo menos uma vez tiveram algum tipo de reação não esperada, conforme mostra a tabela 2, que ilustra os dados referentes às questões de 7 a 9.

Tabela 2 - Orientação farmacêutica. Acaraú, 2017.

RESULTADOS DA PESQUISA SOBRE AUTOMEDICAÇÃO COM BASE NAS RESPOSTAS APRESENTADAS PELOS PACIENTES ENTREVISTADOS: ORIENTAÇÃO FARMACÊUTICA			
Solicitam informação farmacêutica			
Sim	64%	Não	36%
Casos em que os entrevistados buscam orientação do médico ou farmacêutico			
Quando estão com a saúde muito agravada	38%		
Sempre solicitam informação de um médico ou farmacêutico	28%		
Quando suspeitam de algo grave	25%		
Quando amigos e familiares não sabem que medicamento indicar	9%		
Apresentaram reações adversas			
Sim	27%	Não	73%

Fonte: Própria Autoria.

A propaganda maciça e a facilidade do acesso aos medicamentos em drogarias e farmácias fazem pensar que são produtos livres de riscos, além de estimular o uso irracional, o que em alguns casos expõe os consumidores às reações adversas (AQUINO; BARROS; SILVA, 2010). O Quadro 1 abaixo mostra as reações adversas mais citadas e os medicamentos associados a elas.

Quadro 1 - Reação Adversa a Medicamento (RAM) relatadas pelos entrevistados. Acaráu, 2017.

Medicamentos	Reações adversas
Ácido acetilsalicílico	Olhos inchados
Amoxicilina	Manchas vermelha na pele, cólicas e náuseas
Anador	Urticária
Antiinflamatório (<i>Não lembra qual</i>)	Manchas na pele, urticária, e edema de Glote
Captopril	Vermelhidão na pele, tosse seca
Cetoprofeno	Olhos inchados e vermelhos, dor no estômago
Clenil	Inchaço no Rosto
Corticóides	Urticária e manchas na pele
Dipirona	Manchas na pele, hipotensão, urticária, alergia.
Dramin	Hipotensão, desorientação e sono intenso
Metformina	Diarréia
Nimesulida	Urticária e manchas no rosto, dor no estômago
Paracetamol	Manchas no corpo, urticária, hipotensão
Penicilina	Falta de ar
Resfenol	Sonolência
Torsilax	Cansaço, manchas na pele
Omeprazol	Cefaleia, dor abdominal, diarreia e náusea
Loratadina	Sedação, hipotensão, edema
Losartana	Hipotensão, diarreia, tontura
Sinvastatina	Dores musculares, dor abdominal e náuseas

Fonte: Própria Autoria.

CONCLUSÃO

Traçando um perfil das pessoas que se automedicam, pode-se afirmar segundo os dados obtidos que a maioria são mulheres, a faixa etária que mais realiza essa prática é a de 26-37 anos e pessoas que tenham feito no mínimo o ensino médio. Durante a pesquisa, pôde-se observar que os principais motivos alegados pelas pessoas que se automedicam são: a falta de tempo de ir ao médico; desconhecimento de atendimento por profissionais farmacêuticos; e ter conhecimento prévio sobre a doença e o medicamento e ter acesso fácil aos medicamentos que solicitam.

Pode-se dizer que acabar com a automedicação é algo impossível, porém há maneiras de minimizá-la, a principal é melhorando a relação entre os profissionais da saúde e os pacientes. Nesse aspecto a prescrição e/ou assistência farmacêutica entra como um dos principais meios para reduzir esse hábito. É necessário que o farmacêutico seja o responsável não apenas pela dispensação, mas pelo fornecimento de informações importantes sobre o uso racional de medicamento, evitando assim o surgimento de pro-

blemas indesejáveis.

REFERÊNCIAS

- ANGELUCCI, M. E. M. et al. *Riscos da Automedicação*. 2013
- AQUINO, D. S.; BARROS, J. A. C.; SILVA, M. D. P. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, v. 15, n. 5, p. 2533-2538, 2010.
- BOING, A. C.; VEBER, A. P.; STOLF, F. *Assistência e Processo de Trabalho na Estratégia Saúde da Família*. Módulo 12: Uso Racional de Medicamentos. Especialização em Saúde Da Família. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. 52 p.
- BORTOLON, P. C.; MEDEIROS, E. F. F.; NAVES, J. O. S.; KARNIKOWSKI, M. G. O.; NÓBREGA, O. T. Análise do perfil de automedicação em mulheres idosas brasileiras. *Ciência e Saúde Coletiva*. v. 13, n. 4, p. 1219-1226. 2008.
- CARVALHO, M. N.; BARROS, J. A. C. Propagandas de medicamentos em revistas femininas. *Saúde debate*, v. 37, n. 96, p. 76-83. 2013.
- CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA (CFF). *Resolução nº 585*. Regulamenta as atribuições clínicas do farmacêutico e dá outras providências, 2013a.
- _____. Conselho Federal de Farmácia. *Resolução nº 586*. Regula a prescrição farmacêutica e dá outras providências, 2013b.
- GIROTTO, E.; MATOS, D. B. S.; OLIVEIRA, J. M. Perfil Da Automedicação Em População Residente De Arapongas, Paraná. *Revista Espaço para a Saúde*, v.11, n.2, p. 29-38, 2010.
- PEREIRA, J. R. *Riscos da automedicação: tratando o problema com conhecimento*. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/premio_medica/pdfs/trabalhos/mencoes/januarua_amos_trabalho_completo.pdf>. Acesso em 17. ago. 2017.
- PEREIRA, L. R. L.; FREITAS, O. A evolução da Atenção Farmacêutica e a perspectiva para o Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas*. v. 44, n. 4, 2008.
- SOUZA, H. W. O.; SILVA, J. L.; NETO, M. S. A Importância Do Profissional Farmacêutico No Combate À Automedicação No Brasil. *Revista Eletrônica de Farmácia*, v. 5, n. 1, p. 67-72, 2008.
- VITOR, R. S. et al. E. Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS. *Ciência e Saúde Coletiva*, 13, Sup. p. 737-743, 2008.
-